

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
URI ZOHAR – INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA
12 de Outubro de 2023

HATZILU ET HA'MATZIL / 1977
(“Ajudem o Salva-Vidas”)

Um filme de Uri Zohar e Itzik Kol

Realização: Uri Zohar e Itzik Kol / Argumento: Uri Zohar / Direcção de Fotografia: David Gurfinkel / Música: Ronny Weiss / Som: Eli Yarkoni / Interpretação: Gabi Hamrani, Moti Mizrahi, Gila Almagor, Yosef Bashi, Albert Cohen, Avner Hyzkiahu, Hana Laslo, Yosef Shiloach, Judith Solé, Uri Zohar, etc.

Produção: Yoel Sharon / Cópia 35mm, colorida, falada em hebraico com legendas em francês e legendagem electrónica em português / Duração: 93 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Sessão apresentada por Ariel Schweitzer.

Hatzilu Et Ha'Matzil, co-realizado com Itzik Kol (1932-2007), foi o último filme realizado por Uri Zohar, antes do episódico regresso em **Lool**, cerca de dez anos mais tarde. Quando o fez, já estava completamente centrado na religião e no estudo da religião, chegava à rodagem de “kippa” e sabia que este era o seu último trabalho no cinema – “acabo e isto e depois dedico-me à Torá”, assim resumiu, em entrevista muitos anos posterior, o seu pensamento durante a feitura do filme desta sessão.

O filme foi também o terceiro capítulo da “trilogia da praia”, que está entre as coisas mais populares não apenas de Zohar mas de todo o cinema israelita. **Metzizim** (“Os Voyeurs”, a exhibir logo à noite), capítulo inicial da trilogia, foi tão popular que, diz-se, “não há nenhum israelita que não tenha visto uma centena de vezes”.

Hatzilu Er Ha'Matzil, como os outros títulos, retrata o verão israelita, a praia e a orla costeira, uma espécie de colónia balnear que terá as suas especificidades mas é bastante aproximável de outros lugares semelhantes no sul da Europa – esta praia e o seu entorno, excluídas as especificidades, podiam ser em Espanha, podiam ser no Algarve, e isto vale não apenas para a “cultura estival” mas também para a “cultura arquitectónica”, por exemplo. Apesar da distância que nos separa de Israel, qualquer espectador com uma memória do Algarve dos anos 70 e 80 intuirá rapidamente uma dissipação da eventual estranheza com que se aproxime deste filme. Ariel Schweitzer, num texto sobre Zohar, notou aliás que estes filmes, rodados em Telavive, “não mostravam a cidade como um sítio cosmopolita, mas como uma cidade mediterrânica, permanentemente em relação com o sol e com o mar”, e ainda que Zohar foi “o primeiro cineasta israelita a captar a qualidade extraordinária e a fortíssima intensidade da luz de Israel, que parece vir directamente do chão”.

Hatzilu et Ha'Matzil também é considerado o mais desequilibrado dos filmes da trilogia, embora, ao que conste, tenha tido tanto sucesso como os outros. A multiplicação de personagens e episódios favorece esse desequilíbrio, porque é uma lógica quase folhetinesca de situações que se desenham, depois parecem ser abandonadas mas são retomadas mais tarde, e portanto é um filme sempre em ziguezagues. Mas esta “insouciance” que é o clima geral do filme na verdade esconde uma angústia não expressa, “uma crise existencial e um vácuo ideológico” (ainda Ariel Schweitzer), e uma crítica, também deixada nas entrelinhas da sugestão, à preponderância masculina na sociedade israelita – aquele protagonista, irresponsável, volátil, pinga-amores, “criança grande”, que traz o caos à vida de outras personagens, será a corporização dessa crítica.

Para lá disso, é um filme com momentos muito divertidos, sobretudo quando tudo assume a forma de um burlesco físico a jogar com os grandes condimentos do burlesco físico: figuras humanas em luta com o espaço e com o tempo. Aquela cena em que o protagonista tem que sair à pressa da casa da amiga porque vem lá o namorado dela, e toda a pressa e toda a angústia redundam na destruição de um quarto, é de pôr qualquer um a rir à gargalhada.

Luís Miguel Oliveira